

A FOLHA

Publicação Litúrgica sem fins lucrativos da Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.

13 de agosto de 1978 - Ano 6 - Nº 326

Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.
Rua Mal. Floriano Peixoto, 2262. Caixa Postal 22.
26000 Nova Iguaçu, RJ

Utilidade Pública — Lei 6.311 de 25 de setembro de 1970.

Composto e impresso nas oficinas gráficas
da Editora VOZES Limiteda. Petrópolis, RJ.

JUSTIÇA DO REINO É UMA ESPINHA ATRAVESSADA NA GARGANTA

Os moradores do conjunto Jardim Esplanada, em Nova Iguaçu, estão sendo despejados pela Verba S.A., empresa do grupo Unibanco, com base em mandatos judiciais ilegais, conforme o Dep. Florim Coutinho, por não terem timbre da Justiça, nomes do escrivão e do juiz, e nome e matrícula do oficial de justiça que os entregou (JB, 11/4/78). O advogado do conjunto acusou que os despejos estão sendo feitos de maneira arbitrária e violenta, pois a Lei manda que os móveis têm de ser levados por caminhões, gratuitamente, para o local indicado pelo dono, ou para depósito público. Em vez disso, estão simplesmente sendo levados para um galpão distante. "Além disso, estão quebrando portas e janelas e destruindo pias, vasos sanitários e tanques.

Um dos casos de despejo é o do cobrador de ônibus Váter de Souza, aposentado pelo INPS por problemas cardíacos. Em 9 de março, ele comprou a chave da casa 244 por Cr\$ 22 mil e foi morar com a mulher, deficiente física, e a sogra de 89 anos, mais dois sobrinhos, de 5 e 10 anos: "Ganho Cr\$ 1.013 por mês e não posso nem arranjar biscoate. Os guardas, contratados pelo Unibanco, entram nas casas empurrando as portas com os pés, quebram todas as lousas sanitárias e jogam os móveis na calçada. Não mandaram nem uma assistente social para saber quem pode pagar outro aluguel ou quem vai ter de morar debaixo da ponte".

Fala-se que outros despejos estão para ser acionados. Desta forma, vem à tona mais um grave problema social, em nossa Baixada Fluminense, certamente das áreas do mundo com maior concentração de problemas sociais por quilômetro quadrado. Não bastasse os outros, co-

meça agora, de forma intensiva, a aparecerem as trágicas consequências de planos habitacionais maquinados nas cúpulas, nos quais não foi computada a verdadeira situação do povo.

Para as cúpulas, a solução é simples: despejo! Não pode pagar as prestações? Despejo! Prestações e correções monetárias ocuparam a pole-position, deixando os magros salários na poeira da distância? Despejo! Prestações se acumulam, também porque segundas intenções de grandes grupos se recusaram a recebê-las? Despejo! Grandes grupos descobriram a possibilidade de repasse dos conjuntos, com a perspectiva de duplo faturamento? Despejo! Nestes tempos de força, a lei deixou de ser a lei, porque a lei é despejo.

É a lei do mais forte. Ratifica-se assim a posição privilegiada dos ricos e ignora-se o desespero dos pobres. Eis aonde leva a convivência social em que o dinheiro é arvorado e adorado como supremo deus. É até lógico: se dinheiro é o supremo e único valor, todos os caminhos se tornam lícitos para chegar até ele. Não se pode então perder tempo em considerações de ordem moral. Solidariedade humana e compaixão dos pobres se tornam pecado, porque são impedimento no caminho que leva ao novo deus. A situação dos inquilinos tornou-se problema? Ora, resolve-se com a nova lógica: despeja-se!

Os discursos oficiais enaltecem sempre a paz social, como sendo situação necessária para que haja o progresso de nossa Pátria. Como pode haver paz, se não houver justiça? Sem justiça social, a paz que nasce é o silêncio temporário das massas esmagadas, espoliadas em seus direitos, inclusive o direito de moradia. Podem clamar o contrário, urbi-

et orbi, os novos infalíveis, mas os caminhos que levam ao desenvolvimento vão todos na direção da justiça entre os homens. Sem justiça, o que sucede é o que estamos vendo: locupletação hiper-trofiada dos ricos e miséria crescente do povo.

Para apontar com dedo profético as situações de desrespeito aos direitos humanos, foi constituída nossa Comissão Diocesana de Justiça e Paz. É constituída de alguns advogados, alguns professores e alguns padres. Dom Adriano, nosso bispo, é o presidente. Nossa Comissão de Justiça e Paz quer ser instrumento de conscientização, acompanhamento de casos especiais e denúncia profética, nas situações em que esteja em jogo a justiça do Reino de Deus, resumo práctico de toda a nossa fé cristã.

Metas pretensiosas? Aparentemente sim, olhando a quantidade e profundezas dos problemas sociais em nossa área. De fato, não, porque a luta pela justiça segue os caminhos que a história procura, apesar das curvas, apesar das paradas, apesar dos recuos. De fato, não, porque quem nos reúne é o Príncipe da Paz, o Vitorioso em qualquer situação, mesmo a aparentemente mais desesperada; aquele contra o qual, mais dia menos dia, vão quebrar a cara os exploradores do povo e os opressores do irmão. A Comissão de Justiça e Paz foi passado na direção de nossas metas pastorais diocesanas. Aqui vai nossa primeira sugestão: que surjam, nas comunidades de base, grupos que se reúnem para refletir sobre a justiça e a paz entre os homens. É segredo público que outros despejos estão por vir. Outras e semelhantes situações de desconhecimento dos problemas do povo fervilham por toda parte. Reunamo-nos pela justiça porque, por mais armados, não há quem não tema a verdade. E o outro nome da verdade é justiça fraterna. Não é o comunismo não, é esta justiça do Reino de Deus a espinha de peixe que está atravessada na garganta dos exploradores de seus irmãos.

CATABIS & CATACRESES

DIA DO PAPAI, GENTE

1. Certo, leitor amado idolatrado, Mãe abafa e marca de traços inconfundíveis a nossa cara, o nosso coração, as nossas mãos, toda a nossa personalidade. E como a casa se enche do amor de Mãe.

2. Mas hoje é Dia do Papai. Será que este respeitável senhor, a quem chamamos de Pai, não merecerá também o nosso afeto, o nosso amor, a nossa gratidão? Será que também ele, ao lado da Mamãe, não enche a casa e não marca de alguma coisa o caminho de nossa vida?

3. Talvez seja preciso mais distância no tempo e no espaço, para compreen-

dermos qual foi e qual é a contribuição do Pai para a formação de nossa personalidade.

4. Pai é mais duro, é mais seco, é mais homem. Daí por que dá uma contribuição mais viril, mais objetiva a filhos e filhas. No momento preferimos o dengo infinito de Mamãe, sempre tão compreensiva e boa. Mas sem ele, sem o rigor do Papai — rigor mais aparente do que real — será que chegariam ao bom equilíbrio de nossa personalidade?

5. Hoje vamos agradecer a Deus o Pai que nos deu. E agradecer a Papai toda

a dedicação, todo o sacrifício, todo o amor que mostra a Mamãe e a cada um de nós. Obrigado, Papai. E pensamos também naqueles filhos que não tiveram Pai ou tiveram um Pai que não soube ser Pai.

6. Pai nosso que estais no céu: abençoai o nosso Pai. Dai-lhe a recompensa pelo bem que nos fez e nos faz. Que a nossa vida seja um verdadeiro hino de gratidão ao Pai que vós nos destes e que em nossa vida tão bem representou a vossa imagem. Amém.

19º DOMINGO DO TEMPO COMUM (13-08-1978)

C = Comentador; L = Leitor; P = Povo; S = Sacerdote.

Cantos: MISSA DA LIBERTAÇÃO, de Osmar Bezutte e Nélson Gil, Ed. Paulinas.

RITO INICIAL

1 CANTO DE ENTRADA

I Vamos em torno deste altar / receber a mensagem de amor / onde Jesus nos vai mostrar / os caminhos do Deus Salvador.

1. A estrada de Deus nos conduz / pelo mundo ao encontro do irmão / que não teve o anúncio da cruz / que não sabe se há salvação.
2. Toda a terra é campo, é missão / pra quem sabe amar e lutar / e fazer a Igreja plantar / liberdade, amor, salvação.

2 SAUDAÇÃO

S. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

P. Amém.

S. Irmãos, Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, Pai das misericórdias e Deus de toda a consolação.

P. Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.

3 SENTIDO DA MISSA

C. Relatando as revelações de Deus ao povo, o Antigo Testamento associa a chegada de Deus a fenômenos espantosos: tempestades, terremotos e fogo abrasador. Elias não encontra mais Deus nem no vento impetuoso que fende as rochas, nem no terremoto que sacode o mundo, nem no fogo abrasador. Eis a lição do profeta: os tempos são outros e é preciso descobrir os novos sinais da presença de Deus. O povo de Deus do Novo Testamento também associou sua fé a sinais que podem estar ultrapassados. Como os discípulos antes da Páscoa, condicionamos nossa fé e convencimento pessoal ao recebimento de milagres que convencessem ou resolvessem problemas de maneira automática. Pior ainda, insistimos em manter a ferro e fogo a chamada civilização cristã ocidental como sendo a produtora autorizada dos sinais da presença de Deus no mundo; civilização cristã que se transformou na legitimação mais sublimada e desumana da ordem social construída nos alicerces da injustiça. Após a conversão, o cristão Paulo topa até deixar de lado a preocupação com sua salvação pessoal, contanto que possa dedicar-se ao bem de seu povo. Em nossa revirada histórica, eis a resposta aos novos sinais dos tempos: parar de viver à cata de milagres, parar de crucificar o Cristo em nome de civilizações cristãs e descobrir que Cristo está se revelando na pessoa de nossos irmãos privados de seus direitos.

4 ATO PENITENCIAL

S. (Exortação ao arrependimento, de acordo com o sentido da missa. Pausa para a revisão de vida). Senhor, que viestes salvar os corações arrependidos, tende piedade de nós.

P. Senhor, tende piedade de nós.

S. Cristo, que viestes chamar os pecadores, tende piedade de nós.

P. Cristo, tende piedade de nós.
S. Senhor, que intercedeis por nós junto do Pai, tende piedade de nós.
P. Senhor, tende piedade de nós.
S. Deus todo-poderoso tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna.
P. Amém.

5 GLÓRIA

S. Glória a Deus nas alturas,
P. e paz na terra aos homens por ele amados. / Bendito seja o Pai / que nos preparou com tanto amor / o mundo em que vivemos. / Sua bondade foi tamanha / que deixou este mundo inacabado / para que tivéssemos a glória de ajudar a construí-lo. / Bendito seja o Filho / que se fez nosso irmão / para nos ajudar a crescermos no amor. / Bendito seja o Espírito Santo / que fortalece o amor em nós / e nos ajuda a construir a verdadeira fraternidade. / Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo / absolutamente iguais / como iguais devem ser todos os homens. Amém.

6 COLETA

S. Oremos: Deus eterno e todo-poderoso, a quem ousamos chamar com o doce nome de Pai, dai-nos cada vez mais um coração de filhos, para que vivamos confiantes na alegria e na dor e possamos caminhar firmes em meio às contradições deste mundo. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.
P. Amém.

LITURGIA DA PALAVRA

7 PRIMEIRA LEITURA

I C. A primeira leitura é tirada do primeiro Livro dos Reis (19,9a. 11-13a). No monte Sinai, Deus se manifestou em relâmpagos e terremotos. No monte Horeb, manifestou-se no suave murmúrio da brisa. Os sinais dos tempos mudam. Deus se manifesta hoje no sofrimento e na marginalização dos irmãos mais fracos.

L. Leitura do Primeiro Livro dos Reis: «Naqueles dias, chegando Elias ao Horeb, montanha de Deus, nassou a noite numa caverna. O Senhor disse: «Sai e fica sobre o monte, na presença do Senhor. Ele vai passar». Passou então um vento impetuoso e violento, que fendia as montanhas e quebrava os rochedos; mas o Senhor não estava naquele vento. Depois do vento a terra tremeu; mas o Senhor não estava no tremor da terra. Passado o tremor da terra, acendeu-se um fogo; mas o Senhor não estava no fogo. Depois do fogo, ouviu-se o murmúrio de uma brisa ligeira. Tendo Elias ouvido isto, cobriu o

rosto com o manto, saiu e pôs-se à entrada da caverna». — Palavra do Senhor. P. Graças a Deus.

8 CANTO DE MEDITAÇÃO

Não é preciso muita bagagem, pra anunciar a salvação / toda mensagem deve brotar da caridade no coração.

«Vai, eu te envio, como meu Pai me enviou». / E chegará entre as nações, a conversão que se esperou.

9 SEGUNDA LEITURA

C. A segunda leitura é tirada da Carta de Paulo aos Romanos (9,1-5). Não buscando Deus no passado mas no presente, Paulo vê os problemas do povo e aceita até despreocupar-se de sua salvação, contanto que possa ser útil ao bem dos outros.

Leitura da Carta de S. Paulo aos Romanos: «O que eu digo é verdade. Pertenço a Cristo e não minto. Pois minha consciência, que é dirigida pelo Espírito Santo, também me afirma que não estou mentindo. Sinto grande tristeza e dor sem fim no coração, por causa de meu povo, que é minha própria carne e meu sangue. A favor dele, eu mesmo poderia desejar estar debaixo da maldição de Deus e separado de Cristo. É o povo escolhido por Deus; Deus fez dele seus filhos e repartiu sua glória com eles. Fez seus acordos com eles e lhes deu a Lei. Eles têm a adoração verdadeira e receberam a promessa de Deus». — Palavra do Senhor. P. Graças a Deus.

10 ACLAMAÇÃO

I 1. Escutemos, na voz do Senhor, a palavra da libertação / que nos leva ao encontro do irmão, que espera evangelização.

Aleluia, aleluia, aleluia!

2. Escutemos o apelo da vida, nos caminhos de paz do Senhor / que nos faz confiar na partida, pra levar seu apelo de amor.

11 TERCEIRA LEITURA

C. A terceira leitura é tirada do Evangelho de Mateus (14,22-33). Visões e fatos espantosos foram necessários na infância espiritual dos discípulos. A infância foi até a Páscoa. Vivemos o tempo da Páscoa, por isso o alimento da fé, que nos interroga nos sinais dos tempos, há de ser fome e sede de justiça.

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós.

S. Evangelho de Jesus Cristo segundo Mateus.

P. Glória a vós, Senhor.

S. «Jesus deu ordem aos discípulos para entrarem no barco e irem na frente, para o outro lado do lago,

enquanto ele mandava o povo embora. Depois subiu a um monte para orar sozinho. Quando chegou a noite, ainda estava rezando, mas o barco já estava no meio do lago. Então as ondas começaram a bater com força no barco, porque o vento soprava contra eles. De madrugada, entre três e seis da manhã, Jesus foi ter com eles, andando sobre as águas. Quando os discípulos viram, ficaram apavorados e disseram: «É um fantasma!» E gritaram com medo. Nesse instante Jesus disse: «Coragem, sou eu, não tenham medo!» Então Pedro falou: «Se é o Senhor quem está aí, mande-me ir sobre a água, até onde o Senhor está». «Venha», respondeu Jesus. Pedro saiu do barco e começou a andar em cima da água, em direção a Jesus. Quando percebeu o vento, ficou com medo e começou a afundar. Então gritou: «Senhor, salva-me!» Imediatamente Jesus estendeu a mão, o pegou e disse: «Como a sua fé é pequena! Por que é que você duvidou?» Então os dois entraram no barco e o vento se acalmou. E os discípulos adoraram Jesus, dizendo: «De fato, o Senhor é o Filho de Deus!» — Palavra da salvação. P. Louvor a vós, ó Cristo.

12 PREGAÇÃO

 (No fim, momentos de silêncio para reflexão pessoal).

13 PROFISSÃO DE FÉ

 S. Creio em Deus, Pai de todos os homens,
P. Senhor do mundo / o mundo que ele criou e sustenta. / Creio que ele me colocou neste mundo / e que também sou responsável por ele. / Creio em Jesus Cristo / no qual Deus se encontra com o homem. / Creio que ele me reconcilia com Deus / creio que ele vive e reina / e me chama para servir aos meus irmãos. / Creio que Deus está agindo no mundo / com a forma do seu Santo Espírito. / Creio que Deus me chama por sua palavra / a fim de pertencer à comunidade / e que tenho comunhão com ele pelo pão e pelo vinho. / Creio que Deus estabeleceu uma finalidade para este mundo / e me ordena a participar do seu futuro. Amém.

14 ORAÇÃO DOS FIÉIS

S. Irmãos, está ensinada hoje a linda lição da misericórdia; quanto a nós, somos tão devedores e às vezes tão duros de coração. Cristo nada deveu e foi generoso em perdoar. Elevemos as preces, para que Deus nos ajude a sermos bons:
C. 1. Para que o Evangelho seja melhor conhecido como mensagem de libertação por todos os que sofrem as consequências da miséria, rezemos ao Senhor.
2. Para que o desenvolvimento beneficie a todos e seja o fruto do trabalho de todos e não apenas das camadas mais pobres da população, rezemos ao Senhor.

3. Para que aprendamos a dar o devido respeito às pessoas que trabalham e não àquelas que vivem da exibição da riqueza, rezemos ao Senhor.
 4. Para que todos, pobres e ricos, compreendam que a divisão dos homens em pobres e ricos não é vontade de Deus mas uma consequência de leis injustas, rezemos ao Senhor.
 5. Para que todos compreendamos que a grandeza do homem não está na posse de muito dinheiro, mas nas qualidades que ele tem, rezemos ao Senhor.
 6. Pelas intenções particulares desta santa missa..., rezemos ao Senhor.
- S. Senhor, vosso Filho cativou-nos com sua capacidade infinita de amar; ajudai a sermos hoje sua presença no mundo, para que, através de nós, passem para os outros homens o mesmo amor de nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que convosco vive e reina, na unidade do Espírito Santo.
- P. Amém.

LITURGIA EUCARÍSTICA

15 CANTO DO OFERTÓRIO

 Eu venho trazer, pra junto do altar / o que fui colher, no meu caminhar.

1. A sede de amor de todos irmãos / te oferto, Senhor, com vinho e com pão.
2. Oferto a criança, o jovem e o velho / a paz, a esperança na luz do evangelho.
3. Eu trago também ao teu santo altar / os passos de quem te quer anunciar.

16 ORAÇÃO DAS OFERTAS

 S. Orai, irmãos, para que o nosso sacrifício seja aceito por Deus Pai todo-poderoso.

P. Receba o Senhor por tuas mãos este sacrifício / para a glória do seu nome / para o nosso bem e de toda a santa Igreja. S. Ó Deus, acolhei com bondade as ofertas que vos apresentamos. O pão e vinho que vos oferecemos, dons vossos para nosso alimento, sejam transformados em fonte de libertação para toda a vossa Igreja. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

P. Amém.

17 PREFÁCIO (próprio)

18 ORAÇÃO EUCARÍSTICA

 (A oração eucarística compete ao sacerdote somente. Após a consagração):

S. Eis o mistério da fé.

 P. Salvador do mundo, salvai-nos, vós que nos libertastes pela cruz e ressurreição.

19 CANTO DA COMUNHÃO

1. Senhor, quanto mais caminho, mais vejo aumentar a estrada / tropeço por entre espinhos, num campo onde foi calada a voz da libertação.
2. Mas me ergo, não vou sozinho, teus passos comigo vão / na terra será plantada a paz que nos é doada, em cada fração do pão.
3. Não posso ficar parado. Teu Corpo me dá coragem / teu Sangue me traz

a imagem de tantos irmãos deixados, à margem da salvação.

4. Teus passos irei seguindo. A paz vou distribuindo / e o mundo evangelizado será enfim transformado, em paz e em salvação.

20 AÇÃO DE GRAÇAS



S. Oremos: Ó Deus, acabamos de receber como alimento o Corpo e Sangue de vosso Filho. Fazei que os frutos da fé não permaneçam ocultos em nós, mas, pelo testemunho de amor fraterno, as pessoas com quem convivemos possam deles tomar conhecimento. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém.

RITO FINAL

21 MENSAGEM PARA A VIDA



(Após as comunicações de interesse para a comunidade):
C. «Sinto grande tristeza e dor sem fim no coração, por causa de meu povo, que é minha própria carne e sangue». São palavras do inquieto apóstolo Paulo. Esta tristeza e dor eram provocadas pelo espetáculo de uma fé aferrada a ritos exteriores, produzindo falsa segurança; em vez de servir de caminho para levar a Cristo, o ritualismo arrastou a Igreja oficial israelita à presunção e à hipocrisia. O povo israelita, no tempo de Cristo, usava o nome de Deus para justificar tudo, inclusive a opressão que o legalismo religioso, com seu peso enorme de ritos e mandamentos, jogou em cima dos ombros cansados do povo. Será que não vivemos momentos semelhantes? Uma civilização que produz os frutos amargos das desigualdades injustas faz questão de chamar-se cristã e dizer-se baseada na paz, na concórdia e no amor que Cristo ensinou e viveu. Mais ainda: para que não haja mudanças, que significam sacrifício de privilégios obscuramente adquiridos, mas significam também abertura de chances para o povo todo viver melhor, invoca-se o nome de Deus e alega-se a doutrina de Cristo como impedimento de transformações. Como o apóstolo Paulo, você também é chamado a converter sua tristeza e dor em ação, para que nosso povo conquiste seus direitos e atinja o estágio de dignidade no qual não mais o atinja o desrespeito da nossa mera compaixão.

22 CANTO FINAL

Vou plantar no meu caminho mais amor entre os irmãos / sei que não estou sozinho, semeando a salvação.

Vem comigo, Senhor, caminhar, pelo mundo em busca do irmão / que espera quem possa mostrar teu amor, tua paz, teu perdão.

23 BÊNÇÃO FINAL

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós.

S. Abençoe-vos o Deus todo-poderoso Pai e Filho e Espírito Santo.

P. Amém.

S. Vamos em paz e o Senhor nos acompanhe.

P. Amém.

1. Manoel Moreira da Silva, irmão do perene e doce zedasilva, veio do Mojeiro de Cima, lá perto de Campina Grande, pra vencer na vida. Aqui não dá, coroné. A gente se acaba no cabo da enxada derna o quebrá das-barra inté o só se pô e no fim qui é qui a gente fez? Nada num sinhô. E Manoel, de coração quebrado, disse pra dona Sinhá: Bença, mãe, eu vou pro Rio qui é terra de se vencê na vida. Dona Sinhá disse Deus te bençoi, meu fio, e ajuntou que sina de probe é criá fio pra botá eles no mundo de meu Deus.

2. Manoel Moreira da Silva nasceu no eito do Mojeiro de Cima, criou-se no eito e morreria no eito. Mas Deus quis que deixasse o eito naquela manhã clara de maio, entrou no ônibus Campina Grande-Rio, ele mais Sarviana (irmã gêmea da perene e doce zefamariada-conceição) mais os sete bichinhos que Deus lhe deu, embarcou-se, embarcaram, todo o mundo cheio de dor no coração quebrado, ouvindo mãe repetir dez e vinte vezes: Deus te leve, meus fio, Deus te bençoi e te traga a sarvamento. Inte breve, mãe, nós escreve.

3. Dois dias depois o ônibus despeja no Rio mais uma leva de esperança e sonho. O lavrador Manoel esquece o passado e aceita o que lhe dão: servente de obra. Tudo aqui é nordestino e mineiro, cabra. Salário mínimo. E aí começa a grande façanha. Nove bocas pra viver. Manoel multiplica-se: horas extras, biscuits, vigia noturno, o diabo. Sarviana multiplica-se também pru mode os bichinho. Barraco de tábua e zinco. Tudo no chão. Nenhum móvel. Sarviana diz que Mané gosta é de todo o mundo comê bem. É a paxão dele, gente. E a incrível façanha.

(A. H.).

LEITURAS PARA A SEMANA:

Segunda-feira: Ez 1,2-5.24-2,1a; Mt 17, 21-26 / Terça-feira: Ez 2,8-3,4; Mt 18, 1-5.10.12-14 / Quarta-feira: Ez 9,1-7.10, 18-22; Mt 18,15-20 / Quinta-feira: Ez 12,1-12; Mt 18,21-19,1 / Sexta-feira: Ez 16,1-15.60.63 (ou 16,59-63); Mt 19,3-12 / Sábado: Ez 18,1-10.13b.30-32; Mt 19, 13-15 / Domingo: Ap 11,19a; 12,1-3-6a. 10ab; 1Cor 15,20-26; Lc 1,39-56.

UMA PERGUNTA: O ATO INSTITUCIONAL N° 5

A Folha: Interessa a muitos de nossos leitores saber o que o senhor pensa a respeito de alguns problemas nacionais, de interesse geral para todos os cidadãos. O que é que o senhor pensa, por exemplo, a respeito do Ato Institucional nº 5?

Dom Adriano: No momento desta entrevista (15 de maio) sente-se em toda a parte a rejeição ao AI-5. Até mesmo os chamados revolucionários autênticos se vêem pressionados pelos acontecimentos e já admitem a extinção desse instrumento ditatorial que, a pretexto de segurança, tem causado uma tremenda insegurança aos mais diversos setores da vida brasileira.

Recentemente o general Jaime Portela, que foi chefe da Casa Militar do Presidente Costa e Silva, recordava a gênese do Ato Institucional nº 5. No fundo no fundo susceptibilidades de grupos que são exageradas até alcançarem artificialmente dimensões políticas nacionais e grupos que, inebriados de messianismo e do poder, se identificam ambiciosamente com o povo e a nação. Numa entrevista dada ao Jornal do Brasil (15.5.78) o senador Daniel Krieger diz, referindo-se ao Presidente Costa e Silva: "Espontaneamente não assinaria o Ato Institucional nº 5. Declarou-me inúmeras vezes que, fosse qual fosse a decisão do Congresso, diante do pedido para processar o Sr. Márcio Moreira Alves, a posição de seu Governo era acatá-la". Cedendo às pressões militares, como conta o General Portela, o Presidente Costa e Silva assumiu a responsabilidade do Ato Institucional nº 5. E sucumbiu, deixando-nos por dez anos expostos ao que os próprios homens da situação chamam hoje de arbitrio, de repressão, de aberração.

Todos os homens sensatos deste país estão de acordo em que se deve voltar quanto antes a uma ordem jurídica da qual nunca nos deveríamos ter afastado. Como diz um editorial do Jornal do Brasil (Direito Perdido, 02.05.78): "Estamos, pois, diante de uma absurda situação em que a demora em emancipar

a revolução de seu estágio inicial de arbitrio empurra o país para o imprevisível, quando o elementar senso político recomenda o reingresso do Brasil na órbita constitucional".

A Folha: Na sua opinião o AI-5 teve/tem repercussão na atividade pastoral da Igreja? na sua atuação pastoral?

Dom Adriano: Sem dúvida nenhuma. O clima de arbitrariedade gera insegurança que vai, aos poucos, atingir as camadas mais representativas da sociedade. Sempre se ensinou na Igreja, como está em tantos documentos conciliares, que a pregação é uma das funções principais do bispo, do padre. Trata-se de uma pregação encarnada, existencial da Palavra de Deus. Num clima de arbitrio, os detentores do poder absoluto se arrogam o critério de interpretar, de julgar, de condenar a palavra da Igreja. Isto foi assim em todos os regimes fortes de esquerda ou direita.

A palavra que eu anuncio não tem nenhuma outra garantia que somente a graça de Deus. Falta-lhe poder econômico, político, militar. É humanamente falando uma palavra extremamente frágil, como já advertia S. Paulo no início da Igreja (cf. 1Cor 1,18-2,16). E no entanto uma palavra poderosa que incomoda e provoca. Daí as incompreensões, as perseguições, os seqüestros, as prisões, os assassinatos. O clima de insegurança fez medrar os grupos de poder paralelos que, por conta própria, assumem missões e tarefas ilegais, arbitrárias. Graças a Deus e ao sofrimento e à luta de tantos brasileiros nobres e sensatos vamos assistindo a uma volta do nosso país à cordialidade, à tolerância, à bondade natural do nosso povo. Não devemos esmorecer na luta por dias melhores. Quando se encerrou o ciclo do Estado Novo e o nosso país voltou ao sistema democrático de Governo, pensávamos que tivesse acabado qualquer possibilidade de regime forte. Enganamo-nos. E no futuro?

LITURGIA & VIDA

ESTRUTURA FUNDAMENTAL DA MISSA

No capítulo 1º a Instrução Geral tratou da "importância e dignidade da celebração eucarística". Agora, no cap. 2º, o assunto é: "estrutura, elementos e partes da Missa". Há um esforço de tornar a Missa mais compreendida, para ser mais amada e mais vivida. A isto ajudam umas colocações gerais.

A Missa é a ceia do Senhor. Como os apóstolos que participaram da primeira ceia no cenáculo, na véspera da Paixão e Morte do Mestre, assim somos todos convidados, como povo de Deus, a celebrar a Eucaristia. Na presidência da celebração acha-se, como servidor da comunidade, um sacerdote que representa a pessoa de Jesus Cristo, um membro do povo sacerdotal que a Igreja, na linha dos Doze escolhidos pelo Mestre, ordenou e consagrou para o ministério da Eucaristia. Esta é uma assembleia santa que realiza aqui e agora a santa Igreja Católica, espalhada pelo mundo inteiro. Celebraremos a memória do Se-

nhor. Renovamos seu sacrifício. Reunidos em torno do altar eucarístico, sentimos que aqui vale a promessa de Jesus: "Onde dois ou três se reunirem em meu nome, aí estou no meio deles" (Mt 18,20). Celebração da Eucaristia é renovação perpétua do sacrifício da cruz. Jesus está presente em nosso meio: nessa comunidade de Igreja que reza, que se doa, que se converte para melhor amar o Pai nos irmãos, que se dispõe a realizar melhor o plano de Deus; na pessoa do padre que, como servidor da comunidade, preside a celebração; na palavra divina que é palavra de amor e de verdade; enfim e de modo muito particular nas espécies eucarísticas do pão e do vinho nas quais Jesus Cristo permanece substancialmente presente conosco. Excesso de amor (Instr. 2,7).

- Por que a Missa é ceia do Senhor?
- Celebramos a S. Missa: e daí?
- Como Jesus está presente na celebração eucarística?